

3.1.2 A afetividade como alicerce no processo de inclusão

E.G.A.de CARVALHO¹ ; F.M. DE OLIVEIRA²

¹ Mestre em psicopedagogia pela UNISA - Universidade de Santo Amaro; Coordenadora de Curso Pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e clínica UNASP- SP e HT.

² Psicopedagoga Institucional e Clínica pelo Centro Universitário Adventista - UNASP, São Paulo- SP, Brasil.

E-mail: evoditea@hotmail.com

E-mail: faby.moura84@gmail.com

COMO CITAR NO ARTIGO:

CARVALHO, E. G. A. e OLIVEIRA, F. M.. **A afetividade como alicerce n processo de inclusão**. URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.9, n.1, p. 87-115, jan/2019.

RESUMO

Este trabalho enfoca elementos para o estudo existente entre a afetividade como alicerce no processo de inclusão. O objetivo principal é revelar a importância da afetividade para o desenvolvimento humano destes indivíduos. Enfatizamos a importância da participação e parceria da escola e família, envolvidos neste processo contribuindo assim para uma aprendizagem significativa. Fica evidente que a afetividade pode aprimorar os aspectos cognitivo, emocional e motor de qualquer ser humano, principalmente das crianças que apresentam deficiências ou algum tipo de transtorno, que infelizmente por causa de suas dificuldades acabam por apresentar baixa autoestima, necessitando dessa afetividade para entender que são capazes de aprender e a conviver melhor na sociedade. Esta por diversas vezes se encontra impedida de oferecer um melhor serviço seja ele na educação ou no aspecto social por falta de informação e compreensão da questão citada acima.

Palavras-chave: afetividade; inclusão; aprendizagem.

ABSTRACT

This paper focuses on the study of affectivity as a foundation in the inclusion process. The main objective is to reveal the importance of affectivity for the human development of these individuals. We emphasize the importance of the participation and partnership of the school and family, involved in this process, thus contributing to meaningful learning. It is evident that affectivity can improve the cognitive, emotional and motor aspects of any human being, especially of the children who present deficiencies or some type of disorder, who unfortunately because of their difficulties end up presenting low self-esteem, needing this affectivity to understand that are able to learn and live better in society. This is often prevented from offering a better service be it in education or in the social aspect for lack of information and understanding of the question quoted above.

Key words: affectivity; inclusion; learning

INTRODUÇÃO

Este artigo visa refletir sobre a importância da afetividade como alicerce no processo de inclusão. Por meio de observações, foi possível perceber os danos causados pela falta da afetividade ocorrida dentro dos lares, isso devido às novas tendências da vida moderna e também com as novas estruturas familiares. Desta forma, seja por condições financeiras, emocionais, ou qualquer outro motivo que prive o indivíduo ao convívio familiar de qualidade, onde os pais sejam mais presentes na vida de seus filhos e que haja a troca de afeto para com este ser e de forma integrada, pois é preciso um olhar atencioso desta família para com esta criança. E que não seja apenas transferida a responsabilidade desta falta de afetividade para a instituição educacional. E nestes casos por se tratar de um aluno com deficiência, muitas vezes, em sua grande maioria, alguns educadores tem resistência em lidar com esta situação. Em determinados casos por falta de paciência, experiência ou por não ter uma formação que lhes prepare para tal função.

O ser humano desde seu nascimento carece de cuidados e afeto de seus entes mais próximos para seu desenvolvimento. E a ausência deste afeto no decorrer do seu crescimento, acaba causando, por exemplo, prejuízos no seu desenvolvimento cognitivo, emocional, físico e motor, sendo muitas vezes demonstrada no comportamento dentro dos âmbitos escolares, como forma de expressão dessa carência.

A partir dos questionamentos, podemos informar as dúvidas para estruturar a afetividade no processo de inclusão.

- Até que ponto a afetividade interfere no processo de inclusão?
- O que é Psicopedagogia?
- Qual a intervenção que o psicopedagogo pode realizar diariamente deste tema?

Este tema surgiu após a observação dentro das intuições educacionais.

Foi a partir desta observação que alguns profissionais relataram diversas falhas no desenvolvimento da criança, como por exemplo, dificuldades no comportamento, nos conteúdos escolares e no emocional da criança.

É comum hoje vemos pais mais ausentes devido a este mundo contemporâneo em que vivemos. Mães que antes eram donas de casa e que por sua vez estavam mais atentas e mais próximas de seus filhos, hoje vivem atulhadas de atividades diárias, pois estamos em um dado momento da história da humanidade que muitas mulheres passaram de meras donas do lar para se tornarem provedoras de seus lares e com isto, vem as consequências, crianças mais carentes de seus entes queridos e desprovidos de atenção e estrutura familiar. E em muitos casos acabam transferindo esta responsabilidade para o âmbito educacional, que acabam por não suprir esta necessidade devido a grande demanda que algumas intuições possuem.

Para Wallom (2008, p. 43):

No estágio impulsivo emocional, que abrange o primeiro ano de vida, o colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. Resposta ao seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o mundo físico...

Estes indivíduos acabam lesados por não terem uma atenção em seus primeiros anos de vida, quando ainda estão formando suas identidades.

Outrossim a ser lembrado neste projeto são os diferentes tipos de famílias que temos no âmbito educacional. Nas escolas carentes podemos perceber como alguns pais são negligentes, que não têm condições nenhuma, tanto financeiramente como emocional, responsáveis que não enxergam as necessidades de seus filhos.

Em contrapartida na classe média a alta, os responsáveis pelas crianças, por entregar-se tanto ao trabalho acabam não tendo tempo suficiente para dedicar-se a suas famílias, estas acabam almejando afeto de seus pais que, em sua grande maioria não percebem a aflição e carência desses indivíduos.

E se tratando de uma criança que possui alguma deficiência este caso se agrava ainda mais, pois a estrutura familiar vai ser de suma importância para ajudar este indivíduo a ter forças e condições a superar as dificuldades que o mesmo enfrentará no decorrer de sua vida.

Os maiores danos causados ocorrem principalmente na falta de autoestima, no desenvolvimento cognitivo, emocional, físico e motor em detrimento da falta da afetividade da família e outros envolvidos na vida destes seres em sua formação como indivíduos.

OBJETIVOS

- Considerar a afetividade como requisito imprescindível no processo de ensino e inclusão.
- Avaliar a importância da afetividade como alicerce no processo de inclusão.
- Identificar os possíveis prejuízos causados na aprendizagem da criança por falta de afetividade da família, e/ou escolar.
- Contribuir com sugestões psicopedagógica para melhor atuação profissional.

METODOLOGIA

Este artigo se fundamentou com base na abordagem qualitativa, e para tal estudo será usado fontes bibliográficas atualizadas e o estudo de caso e o instrumento utilizado será a entrevista com questionário, que visa discutir a importância da afetividade como alicerce no processo de inclusão.

De acordo com Fazenda; Tavares e Godoy (2015) a abordagem qualitativa nos viabiliza a ampliar hábitos de ação, permitindo enfrentamento com a realidade, com o intuito de garantir ganhos no sentido intersubjetivo e na capacidade de ouvir todos aqueles que pesquisamos e a si próprio. A tentativa é de ver o mesmo não mais como objeto, mas como sujeito de conhecimento e da história.

De acordo com Chizzotti (2011, p. 6): “Não há um modelo único nesse tipo de pesquisa qualitativa porque a realidade é fluente e divergente e os processos das apurações dependem também do pesquisador de seus conceitos, seus valores e objetivos”.

Desta maneira pode se dizer que a abordagem qualitativa permite estudos relacionados dos envolvidos referentes aos sentimentos humanos, auxiliando assim o indivíduo para que o mesmo possa desenvolver suas capacidades dentro do processo do desenvolvimento de forma integral, ou seja, físico, intelecto e emocional.

A pesquisa presente neste trabalho apresenta um estudo de caso, cujo o objetivo é explorar, explicar e avaliar de forma mais detalhada o assunto abordado.

De acordo com Fazenda, Tavares e Godoy (2015, p. 78):

O estudo de caso é uma forma de investigação que teve sua aplicação inicial nas áreas da medicina e da psicologia e que foi aplicada detalhadamente na utilização de uma ampla percepção para detectar os pequenos detalhes que ocorrem em uma pessoa, grupo de pessoas, uma instituição, um evento cultural, entre outros.

Como foi citado acima o instrumento utilizado neste trabalho será a entrevista com questionário.

Segundo Marcone e Lakatos (2009) a entrevista é um procedimento que busca colher informações sobre determinado assunto e ocorre entre duas pessoas. Por isso é fundamental ter uma convivência com o entrevistado, mesmo que seja somente por um período, assim o indivíduo se sentirá mais confiante e a vontade para realizar tal procedimento.

A entrevista contou com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para realizar tal questionário, respondido por três professoras, sendo duas de CEI conveniada com a prefeitura e uma CEI privada, todas localizadas no estado de São Paulo.

Além do embasamento teórico por meio de leitura de livros e entrevista com questionário foram feitas observações por parte do pesquisado. Entende-se por observação a conduta de ter um olhar atento, minucioso aos detalhes.

Desta forma, fica para o entrevistado a incumbência de ter um olhar crítico e sensível sobre os fatos investigados, partindo de uma reflexão sobre si mesmo, para que posteriormente o mesmo possa compreender e analisar melhor o objeto de estudo.

A AFETIVIDADE NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

A afetividade é de suma importância na vida de qualquer indivíduo. Para que a criança se desenvolva nos aspectos cognitivos, biológicos e sócio afetivo é necessário que a mesma se sinta acolhida. Por isso, é de extrema importância que o ambiente no qual a criança esteja inserida, seja ele qual for, proporcione relações interpessoais positivas e com uma abordagem integrada, enxergando a criança em sua totalidade.

A afetividade não se manifesta apenas em gestos de carinho físico, mas também em uma preparação para o desenvolvimento cognitivo, capacitando o indivíduo para que se torne um sujeito crítico, autônomo e responsável. Ela deve permear todos os momentos do desenvolvimento da vida da criança, pois a

afetividade se manifesta pelos interesses, pela motivação, pelo grau de dinamismo e pela energia.

Segundo Wallon (2008, p. 43) o desenvolvimento humano acontece em cinco estágios, nos quais são expressas as características de cada espécie e revelam todos os elementos que constituem a pessoa:

1° Estágio: impulsivo-emocional (de 0 a 1 ano): onde o sujeito revela sua afetividade por meio de movimentos, do toque, numa comunicação não-verbal;

2° Estágio: sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos): a criança já fala e anda, tendo o seu interesse voltado para os objetos, para o exterior, para a exploração do meio;

3° Estágio: personalismo (3 a 6 anos): fase da diferenciação, da formação do “eu”, da descoberta de ser diferente do “outro”;

4° Estágio: categorial (6 a 10 anos): organização do mundo em categorias leva a um melhor entendimento das diferenças entre o “eu” e o “outro”;

5° Estágio: puberdade, adolescência (11 anos em diante): acontece uma nova crise de oposição, ou seja, o conflito eu-outro retorna, desta vez como busca de uma identidade autônoma, o que possibilita maior clareza de limites, de autonomia e de dependência.

Em todos os estágios do desenvolvimento humano, segundo a teoria de Wallon, a Afetividade está presente em maior ou menor grau, haja vista a interação indispensável a esse processo, para a

formação desse indivíduo como ser social, cultural e inserido, de fato, no meio em que vive.

Para Chamat (2008, p. 30): “o profissional que lida com a criança deve, primeiramente, permear a relação entre agente corretor e sujeito, de um elo que denomina de relação vincular. Esta é a base de qualquer trabalho no tratamento psicopedagógico”..

Quando buscamos transformar os ambientes que estas crianças estão inseridas, seja no âmbito familiar, escolar ou no consultório de maneira acolhedora e com estratégias positivas, estamos possibilitando novas aprendizagens e garantindo estes seres a realmente se sentirem pertencentes do meio social em que vive.

A formação comportamental da criança será definida conforme a base familiar em que ela está inserida, pois, tanto as emoções positivas quanto as negativas, podem influenciar nas relações com o outro e consigo mesmo. Por isso, é de suma importância o papel da família na construção deste ser.

Neste sentido, Castro discorreu nas seguintes palavras:

O estado afetivo pode ser manifestado por emoções positivas (amor e alegria) e, ainda, por emoções negativas (raiva, tristeza e medo); a predominância dos aspectos positivos ou negativos vai depender do alicerce familiar. É nas relações entre as pessoas que a criança começa a criar dentro dela sentimentos dominantes, que serão manifestados pelos comportamentos. O relacionamento

mais importante para a formação desta base emocional, afetiva, é o relacionamento entre filho e os pais (CASTRO, 2011, p. 28).

A compreensão da criança quanto ele ser desejada ou não, vai depender como é o relacionamento familiar e o que este ambiente proporciona a este indivíduo, que pode ser uma emoção positiva ou negativa. E isso vai depender das relações familiares que é construída a todo o momento no processo de construção e formação de caráter e personalidade.

Ao ser gerado, nascer e ter os primeiros contatos com o mundo, o bebê tem a sensação de que a mãe e ele são a mesma pessoa. A partir das relações familiares (filho-pai-mãe), é que este bebê começa a construir uma identidade, a ter uma visão de quem ele é, do valor que ele tem ou não tem. A relação afetiva que é construída, a forma como este bebê é cuidado, amamentado, transmite uma mensagem para ele, seja negativa ou positiva (CASTRO, 2011, p. 37).

De acordo com Prates (2010), apesar da época atual em que vivemos, as relações interpessoais permanecem as mesmas, sendo assim, a família tem um papel fundamental na formação de caráter e construção deste sujeito. Mesmo com a busca incessante de seus responsáveis para tentar proporcionar melhores condições

e qualidade de vida para seu filho, é interessante que o tempo que passarem com este indivíduo seja qualidade, onde valores familiares sejam passados para esta criança. Porque desde quando são bebês tanto as emoções positivas quanto negativas irão influenciar no comportamento e caráter desta criança.

Os tempos seguramente mudaram, mas não as relações humanas, que são as raízes para a formação do caráter. Embora os pais de nossa era, por causa da profissionalização e da busca por condições melhores para sua família, passem pouco tempo com os filhos, a qualidade destes momentos juntos é importantíssima, pois os elos afetivos que são mantidos com os filhos desde o nascimento, constituem-se a base da formação de padrões de comportamento importantes para o desenvolvimento do caráter (PRATES, 2010, pp. 48 e 49).

É extremamente importante o papel da família na construção e formação da criança, principalmente na infância, pois é dentro do âmbito do lar que se dá às primeiras relações de contato com o outro. Portanto, esta relação precisa ser construída por meio da afetividade para que seja saudável e contribua de forma positiva o comportamento deste ser.

A escola é uma instituição fundamental na formação dos indivíduos, tal qual a família. É na escola que ocorre a descoberta das ciências pelo indivíduo, a socialização com elementos de fora da família e os conhecimentos fundamentais para viver em

sociedade, inclusive os valores morais e os elementos formadores do caráter e da personalidade.

Para Castro (2011), é de suma importância que se crie uma relação de parceria entre pais e a escola, para que desta maneira se contribua de maneira significativa e essencialmente integral desta criança no processo da construção e formação. Visando assim, o crescimento e desenvolvimento no processo do ensino e aprendizagem.

Compreendendo que a educação é um processo construído em parceria, cabe à família e à escola buscar uma direção única para “olhar” e ter ações e estratégias que visam a um único fim em comum: o ser integral, como cidadão ético, instrumentalizado para “ser” (CASTRO, 2011, p. 64).

Na visão de Tiba (2007), é necessário que as famílias compreendam seu papel indispensável na formação e educação de seu filho, não passando apenas para a escola o papel de educar, pois a escola não consegue sozinha suprir todas as carências da criança. Da mesma forma que a família não pode desempenhar o mesmo papel que a escola tem no desenvolvimento e no processo de ensino e aprendizagem. Ambas têm um papel importante que é fundamental para a construção da criança de forma integral.

A rigor, a educação escolar é diferente da familiar. Não há como uma substituir a outra, pois ambas são

complementares. Não se pode delegar à escola parte da educação familiar, pois esta é única e exclusiva, voltada à formação do caráter e aos padrões de comportamentos familiares. A escola nunca deve absorver a educação familiar, pois seu objetivo é preparar profissionalmente seus alunos, cuidando, portanto, da convivência grupal e social (TIBA, 2007, p. 187).

De acordo com ECA (2008), “a criança tem direitos que devem ser respeitados e que são necessários para o desenvolvimento e crescimento de cada indivíduo de forma geral e integra dentro do contexto geral da sociedade”.

Art. 4 – É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ECA, 2008, p. 35).

É importante que o ambiente escolar seja acolhedor, onde a afetividade faça parte deste contexto, para que dessa forma seja possível ao aluno uma aprendizagem prazerosa e enriquecedora, pois é fundamental que a criança se sinta bem emocionalmente para de envolver suas capacidades de forma integral.

A PSICOPEDAGOGIA E A INCLUSÃO

A Psicopedagogia é composta do saber que se constrói a partir de dois saberes e práticas: a pedagogia e a psicologia, Para se compor esta área, a mesma recebe também influências de alguns profissionais, como por exemplo: da psicanálise, da linguística, da semiótica, da neuropsicologia, do psicofisiológico, da filosofia humanista-existencial e da medicina.

De acordo com Bastos (2015, p. 21), “o psicopedagogo é aquele profissional que busca intensamente despertar o desejo de saber do sujeito e, como um espelho, pode realçar suas potencialidades escondidas até então não reveladas”.

Segundo Weiss (2015, p. 66), “o grande desafio do psicopedagogo é entender como deve sua atuação junto ao processo particular de cada paciente, buscando sempre o apoio em sólido embasamento teórico”. Seu papel é analisar e assinalar os fatores que favorecem, e intervém ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição ou fora dela.

Já quanto à inclusão, entende-se que a mesma é o ato de incluir e socializar, ou seja, integrar coisas ou pessoas em grupos excluídos, que antes não faziam parte de um contexto pré determinado por uma sociedade.

Socialmente, a inclusão representa um ato de igualdade entre diferentes indivíduos que habitam em uma sociedade. Assim, esta ação permite que todos tenham o direito de integrar e participar das várias dimensões de seu ambiente, sem sofrer qualquer tipo de discriminação ou preconceito.

Segundo Chamat (2008, p. 74) “os portadores de deficiência física, além da impossibilidade de executarem muitos movimentos e determinadas atividades, sentem muito diferentes”.

Para Chamat (2008, p. 75) “o psicopedagogo deverá aumentar o nível de operatoriedade, ampliando o impulso epistemofílico (de penetração no “conhecimento”).

Para a psicopedagogia um dos fatores da não aprendizagem do sujeito é a questão emocional, se a mesma não for bem estruturada, pode vir a falta de confiança, desmotivação e a baixo autoestima, o que pode interferir e dificultar o processo ensino aprendizagem.

Segundo Bastos (20015, p. 52), “afetividade e inteligência formam um par dialético, no qual um influencia o outro, além de serem interdependentes e fatores estruturantes da evolução”.

O psicopedagogo pode sugerir um vínculo maior tanto por parte da escola, quanto para a família, para que o indivíduo que apresenta deficiência adquira mais confiança em si mesmo, e com isso aprimore suas habilidades.

Orientar os familiares e a escola a dar mais autonomia para este sujeito em questão, para que desta forma o mesmo obtenha mais autonomia, melhorando sua qualidade de vida.

Sugerir ao professor mudanças na metodologia para atender as necessidades do aluno com deficiência, um ambiente prazeroso e com vários elementos criativos para que aguçe a curiosidade da criança elevando assim o nível de aprendizagem e conhecimento de mundo.

Para Acampora (2015, p. 127):

Vários exercícios práticos podem ser desenvolvidos com crianças, adolescentes e até adultos, a fim de desenvolver as inteligências múltiplas e os valores humanos. Este programa difere dos demais devido à quantidade e a forma. Este programa é basicamente composto por jogos e situações desafiadoras, que pode ser desenvolvida a qualquer tempo e lugar.

A criança que é deficiente perante as suas dificuldades muitas vezes já se sente diferenciada e infelizmente isso acaba repercutindo no processo de ensino e aprendizagem. O psicopedagogo pode orientar á todos os envolvidos no meio social desta criança a proporcionar situações e condições para que a mesma se sinta inserida no meio em que vive, proporcionando uma melhor condição de vida, motivando-a e estimulando a mesma para uma melhor qualidade de vida. A afetividade tem um papel de suma

importância para que isso ocorra de forma espontânea em diferentes aspectos, seja ele cognitivo, emocional ou motor para a evolução deste indivíduo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS:

Análise da entrevista com a professora que tem o aluno autista

Na entrevista realizada com esta professora, a mesma citou que referente a afetividade por parte da família é satisfatória. Porém a mesma sente necessidade de uma melhor aceitação e contribuição de alguns profissionais da escola. A docente acredita que toda a escola tem que estar à disposição para receber e atender melhor os alunos que tem algum tipo de transtorno ou deficiência para um melhor convívio social entre escola e aluno e, também, para um melhor desenvolvimento do discente no aspecto cognitivo, motor e emocional.

Outro fato que incomoda a educadora é o fato do despreparo dos profissionais que enfrentam esta situação diariamente.

A professora está de acordo com Cury (2008), no que diz respeito a qualificação dos profissionais. Há um diferencial entre o profissional que efetua seu trabalho baseado na transmissão de saberes como detentor do conhecimento. Daquele que compreende melhor o seu discente, tendo um olhar mais sensível e desta forma

percebe a individualidade de cada ser, para assim, amparar no processo de ensino e aprendizagem.

Bons professores têm uma boa cultura acadêmica e transmitem com segurança e eloquência as informações em sala de aula. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Eles procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. Para eles cada aluno não é mais um número em sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares (CURY, 2008, p. 42).

Segundo a educadora sem uma formação adequada o ensino com essas crianças se dá, porém de uma maneira bem escassa.

Análise da entrevista com a professora que tem a aluna com deficiência visual

Nesta segunda análise, a professora (anexo 2) relatou que o pai não é tão presente, mas a mãe da criança é bem participativa, entretanto a mesma não dá muito autonomia para filha se desenvolver melhor. A educadora disse que aos poucos vem conversando com a responsável para deixar a discente explorar melhor as coisas ao seu redor, para que desta forma, aos poucos ela adquira mais independência para conseguir realizar pequenos atos como por exemplo, pintar um desenho ou se alimentar sozinha. A professora relatou também que a falta de autonomia da criança é tão imensa, que a criança em questão sente necessidade de ter

alguém ao lado dela o tempo todo, caso o contrário a mesma chora e fica bem nervosa, mesmo sabendo que a professora está próxima, porém não do lado.

Ao me aprofundar mais nesta análise, a docente disse algo semelhante a análise anterior, que sente falta de um apoio na unidade escolar por parte dos outros profissionais.

Segundo Andersen (2009) é essencial que haja uma parceria entre todos os profissionais envolvidos na instituição escolar sistema, para que sejam divididas as responsabilidades de cada um. Não as responsabilidades oficiais, mas as responsabilidades, ideais as que são possíveis levar adiante para evitar prejuízos na formação dos discentes.

Desta forma a formação do aluno cabe a todos os profissionais do âmbito escolar.

Análise da entrevista com a professora que tem o aluno com deficiência auditiva

Já nesta terceira etapa da análise, a professora (anexo 3) notificou que os pais do aluno são bem presentes na vida do mesmo, estão sempre de prontidão quando a escola precisa e, também, vão atrás de melhorias para o seu filho em relação a sua deficiência. Inclusive a criança fez uma cirurgia recentemente para

melhor a sua deficiência. Percebe-se através dos relatos da educadora que tanto os pais quanto a escola trabalham em parceria em relação a autonomia do discente. A criança já consegue ir ao banheiro, se alimenta sozinha, realiza as atividades propostas pela educadora, brinca no parque e com brinquedos diversos e interage com todos da sala. Mesmo com a deficiência antes da operação, o aluno observava os demais para melhor se localizar em suas ações.

Para Tiba (2007) educar dá trabalho, não é só fazer as vontades da criança. Vai muito além, educar dá mais trabalho do que simplesmente cuidar dela porque é prepará-la para a vida.

Esta profissional sentiu muita dificuldade em realizar um melhor trabalho por falta de recursos em sua escola. A docente disse que infelizmente a escola não tinha materiais para trabalhar com inclusão, e muitas vezes até com as crianças que não possuía nem um tipo de deficiência. Não diferente da primeira educadora citada acima, a educadora também senti necessidade de um preparo acadêmico na vida dos educadores para atender melhor este público que está cada vez maior nas escolas.

Comparações dos resultados

As entrevistas foram realizadas com professoras de escolas diferentes, entretanto todas estão relacionadas a Educação

Infantil. Em todos os casos as escolas possuí estruturas físicas de acordo.

No primeiro caso a escola possuí materiais adequados, apoio de psicólogos e estagiários.

No segundo caso a escola fornece algumas matérias, tem uma voluntária que vai em alguns dias, também tem uma auxiliar de sala, mas que não fica todos dias na sala, pois tem que realizar o rodizio das demais salas. Entretanto a professora sente a necessidade de ter alguém efetiva para ajudá-la.

No terceiro caso a escola não tem psicólogos, voluntários e auxiliar e, também, não possuí materiais adequado, porém a estrutura física está de acordo com as exigências da Prefeitura.

No primeiro e segundo caso ambas relataram a falta de apoio de alguns profissionais dentro da escola.

Em todas as análises realizadas, todas estão de comum acordo quando se fala da importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem, principalmente no caso de inclusão, onde muitas vezes a criança é insegura ou possuí a baixa autoestima, e precisa ainda mais de um apoio por parte de os todos os envolvidos, família e escola para aprimorar e enriquecer sua autonomia e seus conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos a importância da afetividade como alicerce no processo de inclusão, e como nesse caso ela se faz ainda mais necessária, por se tratar de alunos que em sua grande maioria são inseguros e com baixa autoestima. Pessoas que em diversos momentos se sentiram em desvantagem em relação a outras crianças, ou se sentiram incapazes de realizar algo ou alguma atividade por serem deficientes, ou possuir algum tipo de transtorno ou até mesmo não ter nenhuma das duas opções e mesmo assim se sentirem excluído da sociedade em geral por outros motivos, seja a cor da pele ou sua classe social entre outros.

Percebemos que afetividade não é apenas afeto, como troca de carinho e abraços, vai muito além de elogios dados pela família ou por professores, é uma preparação para o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional, capacitando o indivíduo a adquirir autonomia para realizar pequenas tarefas do dia a dia e também ampliar e aprimorar conhecimentos para se tornar um sujeito crítico e preparado para conviver em uma sociedade que por muitas vezes é preconceituosa e egoísta.

A afetividade é de suma importância para que estes indivíduos se sintam mais seguros para executar práticas e se tornem aptos para viverem em sociedade.

Sabemos que tais crianças já enfrentam diversas dificuldades por viverem em uma cidade em que a falta de estrutura para atendê-los é absurda e com isso acaba por prejudicar a autonomia dos mesmos. E infelizmente as escolas que deveriam estar preparadas para receber estes alunos, em determinados momentos deixam a desejar, por falta de recursos e também por despreparo e desqualificação profissional, mas apesar de certas dificuldades, percebemos que as educadoras tentam propiciar e realizar atividades que ajuda o indivíduo a desenvolver melhor sua Independência, para que desta forma possam viver de maneira mais digna, garantindo o direito e ir e vir.

Consideramos a necessidade de capacitação dos professores que têm que lidar com as crianças que possui algum tipo de transtorno ou uma deficiência. Tais profissionais se sentem frustrados em determinados momentos por não atingirem seus objetivos com seus alunos. É nítido este desejo por parte das educadoras entrevistadas, por exemplo, de possuírem uma capacitação para melhor desenvolver um melhor trabalho com seus alunos.

Ressaltamos que a afetividade é um fator importante para o desenvolvimento humano, como nos revelou alguns autores citados neste artigo. Há muito tempo esta questão já vem sendo estudada e discutida, afetividade e a aprendizagem caminham juntas, uma não existe sem a outra. E ambas são essências para o enriquecimento nas aprendizagens de qualquer ser humano, sendo

ele um aluno de inclusão ou não, já que cada pessoa tem sua especificidade.

Para a psicopedagogia a afetividade possui grande influência no processo de ensino aprendizagem, pois a mesma se preocupa com a educação significativa, e acredita no trabalho de parcerias entre escola e família para um melhor desenvolvimento do indivíduo . Onde ambas possam buscar estratégias e estimular o mesmo em sua autonomia. Este é um assunto que vem sendo discutida em diversas áreas, principalmente para os psicopedagogos, pois sabemos que os problemas emocionais podem interferir em vários aspectos na vida do ser humano.

A Psicopedagogia busca subsídios para compreender as dificuldades de aprendizagens, levando em consideração não só o cognitivo, mas também como a afetividade pode afetar na vida de qualquer ser humano, pois as questões emocionais estão diretamente ligadas ao processo de ensino aprendizagem.

Diante deste fator cabe aos profissionais desta área enfatizar e orientar a todos os envolvidos sobre a importância da afetividade como algo essencial na vida de todo sujeito.

REFERÊNCIAS

ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia Clínica: O Despertar das Potencialidades**. 3 ed. Rio de Janeiro: wak, 2015.

ANDERSEN, Roberto. **Afetividade na Educação psicopedagogia**. São Paulo: All Print editora, 2009.

BASTOS A. B. B. I. **Psicopedagogia Clínica e institucional: Diagnóstico e intervenção**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

CASTRO, Edileide. **Afetividade e limites: uma pareceria entre família e escola**. 3 Ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2011.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

CHAMAT, Leila S. **Técnicas de intervenção psicopedagógica: Para dificuldades e problemas de aprendizagem**. São Paulo: Vetor, 2008.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas**. São Paulo: Cortez, 2011.

ECA - **Estatuto da criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Prefeitura do Município de São Paulo, 2008.

FAZENDA, Ivani C. A.; TAVARES, Dirce Encarnacion; GODOY, Herminia P. **Interdisciplinaridade na pesquisa científica**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2009.

PRATES, Eli Andrade; PRATES, Ellen M.de O. R. **Vínculos afetivos entre professor e aluno: facilitadores da aprendizagem**,

sob a ótica do adolescente. São Paulo, editora Universitária Adventista, 2010.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Indicadores de Qualidade da Educação Infantil.** São Paulo, 2016. 61p.

TIBA, Içami, **Quem Ama, Cuida!** Formando cidadão éticos. 6São Paulo: integrare editora,2007.

WALLON, Henri: **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** 17 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Educação e conhecimento).

WEISS M. L. L. **A Intervenção Psicopedagógica nas Dificuldades de Aprendizagem Escolar.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.